

DINÂMICAS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM RORAIMA: A CIRCULAÇÃO DE CABLOCOS, ENCANTADOS E SEUS ADEPTOS EM DIFERENTES VERTENTES AFRO-RELIGIOSAS

Sebastião Gomes da Costa Júnior*

Légua Buji Buá da Trindade**

Paulo Jeferson Pilar Araújo***

Apresentação

Pensado inicialmente como um ensaio sobre a história da formação do campo religioso afro-brasileiro no Estado de Roraima, este trabalho se debruça sobre a configuração atual das religiões afro-brasileiras em Boa Vista, capital roraimense, a partir da interlocução de três vozes de dentro dos terreiros, a de um ogã do candomblé queto, considerado o primeiro ogã confirmado em Roraima, a de um encantado incorporado em diferentes filhos de santo e a de um praticante do terecô codoense residindo atualmente em Boa Vista. Essas vozes foram intermediadas pela escrita do terceiro autor, terecozeiro e também pesquisador da religiosidade afro-brasileira. O objetivo era de iniciar uma discussão sobre a história das religiões afro-brasileiras em Roraima, no entanto, as interlocuções se encaminharam para uma quase autoanálise sobre a constituição da religiosidade afro-brasileira na região amazônica conhecida como lavrado.¹ O foco da discussão acabou por se concentrar nas dinâmicas das diferentes vertentes religiosas afro-brasileiras em Roraima e o papel dos seus adeptos e das entidades espirituais nessa dinâmica.

As entrevistas ocorreram em diferentes momentos, durante festividades, toques e obrigações, ocorrendo nos terreiros ou na residência de cada autor entrevistado. As entrevistas com o primeiro autor deste trabalho já vislumbravam os encaminhamentos sobre a história da formação do campo afro-brasileiro de Boa Vista via a dinamicidade própria das religiões afro-brasileiras, suas interlocuções, transformações e resistências, o que nos levou, por fim, a inserir a participação de uma entidade espiritual não apenas como colaboradora ou informante a ser citada pelo terceiro autor-transcritor das falas, mas como própria autora da sua fala e condutora das suas ações, até porque as falas coletadas em Roraima do segundo autor se coadunavam com outras já realizadas em dois outros estados brasileiros, Maranhão e São Paulo.² Diferente da prática comum com pesquisadores de religiões afro-brasileiras de identificar a fala das entidades espirituais pelo nome de seus filhos ou “cavalos”, neste trabalho o encantado quando perguntado sobre como deveria ser registrada sua fala, das entidades espirituais pelo nome de seus filhos ou “cavalos”, neste trabalho o encantado quando perguntado sobre como deveria ser registrada sua fala, exigiu que suas palavras fossem respeitadas como suas palavras, o que veio a calhar

* Odé Arulê Oderecy é seu nome de santo. É o primeiro ogã confirmado no candomblé ketu de Roraima. Casado com a sacerdotisa Luciana Furtado, conhecida como mãe Kavullekin da Mina Nagô, ambos do Ilê Asè D'Ya Kavullekin.

**Encantado chefe do terecô do Codó. Entrevistado em três momentos: o primeiro em dezembro de 2021 na cabeça do mestre Antonio Filho da Tenda Espírita de Umbanda São Francisco, em Codó (MA). As demais entrevistas ocorreram entre março e junho de 2023 na cabeça de outro filho de santo residente em Boa Vista (RR), que pediu anonimato. A segunda entrevista ocorreu em um toque de terecô na casa da mãe Graça de seu João de Légua e a terceira entrevista em uma sessão privada, na casa do filho de seu Légua, o mesmo que pediu anonimato.

*** Filho de santo da mãe Maria dos Santos da Tenda Santa Bárbara em Codó. Doutor em Linguística pela Bayreuth International Graduate School of African Studies-BIGSAS, Alemanha. Professor permanente dos programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFRR) e Educação na Amazônia (PGEDA/Polo Boa Vista-RR). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFRR-Neabi-UFRR em processo de consolidação.

1. Lavrado é a forma como é denominado o bioma amazônico predominante em Roraima.
2. O terceiro autor desenvolve pesquisas sobre o terecô há cerca de 20 anos nos estados brasileiros onde já residiu: Maranhão, São Paulo e agora Roraima.

com a proposta do dossiê deste número. Com isso, o nome do segundo autor deste trabalho é o do encantado, não dos seus filhos ou aparelhos que também confirmaram a preferência pelo registro do nome do seu encantado e não deles como intermediários. Tal posicionamento está em consonância com a perspectiva decolonial, bem pontuado por Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018). Sendo assim, temos a coautoria de um ogã de candomblé queto, um encantado do terecô que passa por diferentes terreiros de Boa Vista e de um pesquisador codoense adepto do terecô, residindo em Roraima.

O terceiro autor interagiu com os dois primeiros de modo a conduzir o fio das discussões empreendidas e registradas neste texto, fazendo com que não apenas a transcrição, mas os pontos em comum fossem articulados, permitindo uma coerência interna sobre a temática principal do texto: a dinâmica e circulação de entidades espirituais e de seus adeptos em diferentes religiões afro-brasileiras em Roraima e como essa dinâmica contribui para a configuração atual desse campo no estado mais setentrional do Brasil. O caso de Roraima é bem particular por ser um estado federativo novo e por ser possível ainda se fazer a história das religiões afro-brasileiras nesse estado a partir do relato de alguns precursores ainda na ativa. Apesar da presença de um número considerável de terreiros em Boa Vista, dentre os quais não deve haver nenhum terreiro com mais de meio século de funcionamento, a religiosidade afro-roraimense é bastante diversificada, havendo uma rápida prevalência do candomblé, seguido da umbanda e esta seguida por outras vertentes como o terecô, e a jurema. Apesar, também, de não haver uma federação ou associação indicada pela maioria dos pais e mães de santo como de referência que atue pelas pautas de interesses de seus praticantes, observam-se algumas lideranças que se projetam em diversas instâncias na relação com o poder público, principalmente nos casos de racismo religioso.³

O trabalho se constitui de três partes. As duas primeiras seções focalizam principalmente o panorama das diferentes nações e vertentes afro-brasileiras em Roraima e o dinamismo religioso observado entre essas religiões, a partir das falas do primeiro autor. A segunda parte, referente à terceira seção, dá continuidade com o caso da família de Légua e sua presença nos terreiros de Boa Vista. Esta seção foi inteiramente baseada na fala do segundo autor. A terceira parte, referente à quarta seção, enfatiza o caráter dinâmico da formação religiosa afro-brasileira em Roraima tomando a fala e a escrita do terceiro autor e sua posição de “dupla pertença” à academia e ao terreiro como lugar privilegiado para uma aproximação decolonial entre o discurso acadêmico e a perspectiva afro-brasileira, oferecendo possíveis frentes de investigação sobre o campo afro-religioso de Roraima.

3. A Associação de Umbanda, Ameríndios e Cultos Afro-brasileiros de Roraima-ASUER, é atualmente dirigida pelo Tata Bokulê. No entanto, não tivemos mais informações sobre o funcionamento da Associação. A Asuer atuou em um caso explícito de racismo religioso em uma lei promulgada pela Assembleia Legislativa de Roraima (Lei 1.637, de 24 de janeiro de 2022) ao incluir um parágrafo que proibia o sacrifício de animais no âmbito religioso, mesmo o STF tendo decidido pela constitucionalidade de sacrifício animais em 2019.

O campo religioso afro-brasileiro em Roraima

Podemos dizer que Roraima tem as mais conhecidas nações do candomblé: queto, angola... além do tambor de mina, das religiões de nação. Temos também a umbanda e o terecô e até a União do Vegetal.⁴ Assim, é comum um pai de santo ser iniciado no queto e depois dar as últimas obrigações no angola ou do angola passar pra queto. Pai Mário, o primeiro candomblé de Roraima, dizem que era umbanda, mas é mais conhecido desde o santo. Essa passagem de nação para nação acontece em todo canto, inclusive na Bahia. Eles cultuam muitas nações dentro de um terreiro só, mas o terreiro tem só um nome, uma raiz.

Para transitar de uma nação para outra não quer dizer que vai se perder a raiz, a primeira. Pode-se tomar um bori, uma obrigação de lavar a cabeça, a pessoa pode ver o segredo das outras nações. Tudo dentro do candomblé é segredo, mas o segredo é dado quando se quer pra ser dado e quando a pessoa é merecedora daquele segredo. Para ser merecedor a pessoa tem que vim pra ajudar o candomblé, para atrapalhar não. Axé é axé, dentro do angola, dentro do queto, dentro do nagô, dentro da mina.

De uma nação para a outra muda o ritual. Um mesmo pai ou mãe de santo pode cultuar duas nações diferentes, mas em espaços diferentes, como o conhecido Pai Euclides,⁵ que cultuava a mina e o queto, além da pajelança e outros rituais. Aqui em Roraima tem casa que só toca o seu candomblé, tem as festas específicas para cada dia, quando é para santo é só para santo, quando é para exu e pombagira, é só para o povo da esquerda. No barracão da Luciana,⁶ além das obrigações para os orixás é feita a festa para seu Rompe Matas (Rompe Mato?) e para algumas famílias da mina como para a família da Baía do seu João da Mata até para a família de Légua. Essa é uma característica de algumas casas que cultuam diferentes entidades ou que ganharam de herança alguma obrigação. Por exemplo, o seu Rompe Matas passava na crôa,⁷ do Bassu, pai de santo da Luciana (Kavullekin) e passa também na crôa dela, sendo assim, ela tem a obrigação desse caboclo.

A mina é mais extensa que as nações de candomblé, tanto o queto como o angola. Na mina são diferentes famílias de voduns e de encantados e sempre depois de um toque em obrigação aos voduns, sejam eles jeje ou nagôs, os encantados passam no final ou vira-se para encantaria assim que os voduns sobem. No orixá não tem isso. Terminou obrigação para orixá, terminou. Serve-se o ajeum.⁸ faz-se uma roda de samba se for de dia e encerra, geralmente sem bebida, sem nada. A umbanda já tem mais diversidade. Tem umbanda mais voltada pro Oriente, pros ciganos, tem aquela umbanda mais próxima do Espiritismo e algo que é muito comum é de pais de santo que começam na umbanda, depois fazem santo no candomblé, mas mesmo assim não deixam de cultuar as entidades que cultuavam antes da feitura no santo.

4. Apesar de ter sido mencionada como religião afro-brasileira, não se tem notícia da existência de terreiros que sigam uma vertente umbandaime em Roraima. Deve-se registrar a existência da doutrina do Vale do Amanhecer em Roraima.

5. Conhecido como Pai Euclides Talabyan, falecido em 2015 aos 78 anos, chefiava a Casa Fanti-Ashanti no tambor de mina, passando a tocar também no candomblé em meados da década de 1980, se tornando a primeira casa de candomblé em São Luís-MA. Além do tambor de mina e candomblé, pai Euclides realizava outros rituais afro-maranhenses como a pajelança, o canjerê, dentre outros.

6. Conhecida como mãe Kavullekin, lidera o Ilê Asê D'Ya Kavullekin em Boa Vista.

7. Crôa de "coroa" é a forma como algumas religiões se referem à cabeça do filho de santo. No terecô, a crôa é considerada a entrada do encantado no corpo do filho, sendo confundida muitas vezes como o resquício da moeira dos bebês.

8. Comida de santo servida logo após algum toque para orixá.

Aqui em Roraima o pai Mário foi assim, começou terreiro na lei da umbanda, depois foi feito pra Orixá em Santarém, que aqui não tinha. Voltou e deu continuidade, mas já no santo. Os zeladores de terecô aqui em Roraima não aceitam muito quando são convidados por algum babalorixá para fazer cabeça para santo, alguns até se sentem ofendidos porque não concordam com a parte da matança, do sacrifício de animais. No terecô não tem sangue. Às vezes um pai de santo que já tem chão firmado na umbanda acaba fazendo santo seja para aprender mais, para se aprofundar mais ou porque teve a indicação do santo. Como foi o caso do pai Mário que as próprias entidades diziam para ele procurar outros caminhos porque o que ele tinha não era resolvido sem certos rituais.⁹

O candomblé de queto vira para boiadeiro, um ritual específico. Os ogãs deixam o aguidavi (varetas para tocar atabaque) para tocar de mão, passam a tocar angola, para eles. Boiadeiros gostam de barravento, congo, samba. Aqui em Roraima no candomblé angola, do Tata Bokulê, tem seu Surrupira e na mina nagô da Luciana (mãe Kavullekin), seu Ubirajara faz esse papel da contrapartida da encantaria, seu Ubirajara é turco. Então, são poucos terreiros em Roraima, mas já temos representante das principais nações, queto, com pai Mário, angola com Bokulê e mina nagô com a Luciana.¹⁰ A primeira umbanda em Roraima é mais difícil definir porque tinha pai Mário, mãe Sílvia, mas o terreiro de umbanda mais antigo que se tem notícia aqui dentro de Roraima é o da mãe Maria de Oxóssi, no São Francisco. Do terecô, foi seu Totó um dos mais antigos, vindo depois seu Thomás.

Mais recentemente, a Casa de Oração Cabocla Jacira, também no São Francisco, da mãe Janaína, tem sido bastante procurada para trabalhos de cura. Outra casa de umbanda bastante respeitada aqui dentro de Roraima é da mãe Nelcy, que carrega seu Zé Raimundo, agregado da família de Légua, mas lá não se segue o terecô, mas a umbanda mesmo. No terecô, além do seu Totó, tem dona Fátima que sucedeu o marido, seu Thomas e mãe Preta. Isso é um segredo e ao mesmo tempo algo bom para as religiões africanas e afro-brasileiras de Boa Vista, do Brasil todo. Essa irmandade que faz um encantado de uma determinada nação ser recebida ou agregar numa outra. Veja o encantado Zé Raimundo Boji, ele é agregado da família de Légua, mas não é filho legítimo do velho Légua, passa tanto no terecô como na umbanda e no tambor de mina.

9: Conferir Oliveira *et al* (2020, p. 63-67).

10: Vale mencionar a mãe de santo Graça Furtado, irmã da mãe Kavullekin com terreiro também, considerado mina jeje (OLIVEIRA, et al, 2020).

Dinâmicas das religiões afro-brasileiras na Amazônia: encantados e encantarias no lavrado

Nêgo Gerson é um juremeiro, mas ele passa como exu. Dentro da mina nagô da mãe Kavullekin ele sempre foi cultuado na esquerda. Esse mês a Luciana convidou o

mestre Bruno do seu Zé da Proa para fazer uma sessão de juremeiros aqui no barracão, seu Nêgo Gerson desceu e trabalhou na linha da Jurema, mas quando foi para fazer a festa dele, ele pediu para fazer na esquerda, assim como ele sempre foi cultuado aqui no barracão. A mesma coisa aconteceu com seu Zé Pelintra no catimbó, tendo sua origem no catimbó, mas hoje em dia é conhecido como chefe da falange de malandros. Pode ser o mesmo caso que está acontecendo com seu Nêgo Gerson e se duvidar com o velho Légua que onde ele desce e o povo não tem seu fundamento, o povo coloca o Velho.¹¹ na categoria de boiadeiro.

Para uma entidade passar de um ritual para o outro, as casas dão a permissão, mas a entidade é que vai saber se deve ou não passar. Por exemplo, em festa de exu, catiços, os Léguas aparecem e por quê? Porque eles caminham nos dois lados, na banda branca e preta, por isso costumam dizer que o povo da família de Légua tem uma banda de Deus outra do Diabo. Pro lado do nagô, os Surrupiras fazem esse mesmo papel. Eles são essenciais para dar caminho, para dar consulta. Uma casa não se sustenta só com uma perna, quanto mais arreiado, melhor. Mas isso sem fazer bagunça, sem fazer confusão. Não querer quebrar a hierarquia porque o candomblé é hierarquia também.

Encantado nenhum é proibido de ir em casa nenhuma. Tem muito candomblé de queto que pai de santo não queria receber encantado, diziam que já tinham seu orixá, seu erê, mas quando menos se espera estão incorporados com seu Pedra Preta, seu Rompe Mato. Orixá é dono do ori, mas o dono daquela pessoa a gente não pode tirar. Quem vai tirar? São poucas as vezes em que um pai ou mãe que já tinha vivência na umbanda, depois que faz santo as entidades recebidas antes deixam de passar na crôa deles. É muito raro. Isso pode ter várias explicações, mas se a entidade é mesmo daquela pessoa, foi dada e confirmada por Deus, não tem obrigação ou feitura que tire ou afaste ela do filho seu. Tem o caso de entidades que são recebidas antes com um nome, mas depois que a pessoa faz santo para orixá ou para vodun, a entidade revela o verdadeiro nome depois que encontra a família dela. Tem o caso de um Légua que passou um ano descendo num filho num terreiro de umbanda em São Paulo, assim que ele se iniciou pra vodun e pros encantados, deu abertura para a família de Légua, o caboclo que antes vinha como boiadeiro, deu o nome de origem da encantaria, seu Antonio Légua.

Outro caso conhecido é do seu Pena Branca. Na umbanda tem os Penas, assim como se fala dos Léguas, seu Pena Azul, seu Pena Roxa, Pena Verde e seu Pena Branca é muito conhecido e querido na umbanda, não se vê ninguém falar mal dessa entidade. Na umbanda ele é caboclo de pena, mas ele também desce na família do Codó, no tambor da mata, mas lá ele vem agregado na família dos Surrupiras. Pouco se percebe, mas seu Pena Branca numa umbanda mais branca é calmo, fala pausado, mas Pena Branca vindo na família da mata é fazendo alguma mais bruto, mais sério, mesmo fazen-

11. Velho é a forma como o primeiro autor costuma se referir a Légua Boji Buá.

12. Categoria de espíritos que provocam problemas e se passam por outras entidades em rituais que não sigam os procedimentos corretos para um trabalho espiritual.
13. Para manter a coesão da escrita, utiliza-se a terceira pessoa na transcrição sempre que foi utilizada a primeira pessoa na entrevista. Nesse caso, é o segundo autor referindo-se a si mesmo.
14. Diz-se que Légua passou por Trinidad et Tobago antes de aportar no Maranhão (FERRETTI, 2001; CENTRINY, 2015). Em entrevista com o encantado Cipriano da Trindade na crôa de pai Café na cidade de Codó, o mesmo contou uma história em que seu Légua lutou em uma ilha no trânsito do continente africano para as Américas.

do alguma brincadeira para descontraír.

Isso de entidade agregada é o que responde por essa migração. Tem os agregamentos. A gente não entende, mas tem uma lógica. O pessoal da jurema se agrega muito na família da Turquia, turco se agrega na família de Légua, baiano se agrega com Légua, etc. Os donos da família ou chefes da família não fazem isso, de se agregar em outras, já que eles são os chefes, eles que recebem seus agregados. Eles perdem filho, mas não perdem o caminho deles. Por exemplo, seu João da Mata, conhecido como caboclo da Bandeira, não vai deixar essa família para se agregar com outro. Agregar em família é diferente de linha. Isso é mais complicado, mas por exemplo, a família dos Botos, são das águas, podem descer na linha das águas. Os Léguas, mexem com bois, descem na linha dos boiadeiros, mas não deixam de ser Léguas. Muitos terecozeiros veem o velho Légua como exu. Légua é um tipo de um povo que para governar é preciso ter fundamento, ainda mais o Velho Légua que é livre. Ele vai aonde ele quer, não vai receber doutrina. Desce na linha que quer, mas não agrega em outra família.

Quando aparece alguma mudança de família sem fundamento são os kiumbas.¹² Por isso uma casa tem que ter segurança, tem que se despachar a casa para começar um ritual, para isso, exu está ali. As entidades passeiam por outras paragens justamente para dar continuidade a alguma missão. Se uma entidade não muda, com o tempo vai deixando de ser recebida, ela é esquecida. Ou cumpriu sua missão como entidade de trabalho ou simplesmente não tem mais filho para carregar ela, até que um dia apareça alguém que tenha o dom de receber essa entidade.

Tem o caso das entidades que são raras, por exemplo, seu Bernardino Légua vez e outra alguém sabe de um filho que recebe ele. Geralmente são bem velhos e dificilmente se vê dois filhos que carregam ele num mesmo terreiro, já dona Tereza Légua é muito conhecida, seu Antonio Légua, seu Zé Raimundo também. Dona Mulambo e Padilha são das pombagiras as mais conhecidas e cultuadas, mas nisso entra a dedicação dos sacerdotes e dos responsáveis pelo zelo daquela entidade. Uma entidade que é bem recebido, bem zelada, sempre vai ter filhos para descer em terra e nisso está a importância do papel de um babá ogã ou de uma equede. Para isso que existe ogã e equede, o pai e a mãe que não dormem. Se é para passar a noite toda com orixá, vodun, inkissi, ogã é para estar lá, se é para passar a madrugada toda com encantado, eles estão lá.

Uma família de encantados por todos os cantos

Quem é de Légua tem caminho, anda por todo caminho, sabe andar. Todo Légua é codoense, vem das matas virgens do Codó, fora os agregados que vão se chegando. O velho Légua Boji Buá.¹³ cruzou as águas grandes, passou por terras e ilhas até chegar no Maranhão.¹⁴ De São Luís

desceu para as matas de babaçu do Codó, tangendo bois.¹⁵ Ali foi juntando filhos e filhas, agregados e passistas.¹⁶ Depois do fim do cativeiro, o Velho não se segurou, passou a passear, subir morros, descer ladeiras, correr por igarapés e assim foi juntando mais e mais filhos. Do Maranhão pegou caminho para o Pará, que era a mesma terra (Grão-Pará?). Lá encontrou mais famílias de encantaria, foi chegando, ficando e depois saindo de novo.

Légua também é viageiro, mas viaja para acompanhar seus filhos seus.¹⁷ Muitos filhos de Deus saíram do Codó e foram para o Piauí. Légua foi junto. E assim foi, Maranhão, Pará e Piauí, todos com raiz fincada. Depois de pegar a cabeça de Zé Bruno do Nazaré.¹⁸ o tambor da mata se espalhou por outras matas, mata baixa e mata cheia.¹⁹ Quem carrega um Légua é bem cuidado. Légua não falta, não deixa o filho desamparado, mas cobra o que é de ser cobrado. A mão que dá não pode balançar, tem que segurar.

Velho Légua chegou a tanto filho que nos terecôs.²⁰ não dava mais como descer, de tanto filho que aparecia, o Velho Légua não se importava de descer.²¹ se contentava de deixar os filhos brincar o terecô e ficava vigiando de longe, da Encantaria, ou escondido incorporado em algum preto desprevenido no tambor. Assim foi, teve tempo que Légua não descia na terra. Não era por pecado nem por velhice, era por precisão que não tinha. Tempos foram e tempo agora, os pecadores não deixam de invocar o Velho, como fazer? Veio a precisão. É Légua para lá, Légua para cá, o Velho Légua tomou, pegou filhos novos, novos e velhos com couro bem apumado. Velho Légua tem filhos pecadores e esses filhos viajam, mudam de lugar para outro. Assim foi, os filhos mudam de lugar, fogem de demanda ou vão buscar melhoria para sua família. O Velho Légua já andou por outras paragens, bebia da cana, noitava e sumia de novo.

O Velho Légua viu a terra dos homens grandes ser construída. Muitos pecadores construindo o Brasil e os filhos ainda pobres.²² Tempos depois outros filhos fugiram para o Rio (de Janeiro), para São Paulo e de lá o Velho subiu de volta. Na terra de Roraima, o Velho Légua veio do Pará, passou por Manaus em muitas matas e em muitas cabeças. Hoje tem filho de Légua espalhado por quase todo chão do Brasil. Onde os Léguas foram chegando e ficando, sendo bem recebido, a doutrina foi ficando raiz.

Como Légua desce em diferentes terreiros? Desce onde tem fundamento, onde é recebido e onde tem segredo. Numa casa de doutrina que não conhece a família de Légua, o tambor da mata, vão dizer que Légua é exu que Légua só faz bagunça ou não tem fundamento. Não é toda casa de doutrina que conhece encantaria do Codó. A doutrina já fala:

Boço Légua quando chega
Vem fazendo confusão
Arreia a tamanca do boi, seu Légua
Lugar de peso é no chão.

Na terra de Roraima os Léguas aparecem em todas as casas,

15. A relação da família de Légua é bastante conhecida, sendo por isso confundidos com as entidades conhecidas como boiadeiros, além de diversas cantigas e doutrinas abordarem o trato com boiadas.

16. Essa categoria de entidade espiritual é utilizada quando ela não pertence à crôa de uma pessoa, mas passa para dar recado. Talvez o autor aqui se refira às entidades que visitam a família, mas não chegam a se agregar ou fazer parte dela.

17. Mantemos a ênfase no possessivo dada pelo segundo autor em primeira pessoa "meus fii meu". A particularidade do uso de línguas em interações rituais em religiões afro-brasileiras chama a atenção de alguns pesquisadores (ARAÚJO, P. J. P., 2021) que buscam descrever as especificidades do vernáculo utilizado por entidades espirituais nos momentos de transe religioso. Obviamente não poderemos nos ater a esse aspecto aqui, mas deixamos esta observação para que os leitores compreendam melhor a mudança de estilo decorrente da transcrição da fala de uma entidade espiritual que utiliza um registro vernáculo particular.

18. Conhecido curador da cidade de Caxias-MA (NASCIMENTO, 2015).

19. Talvez mata baixa referente ao cerrado, mata cheia, à floresta amazônica.

20. Aqui, terecô no plural indica a festa em si ou o toque, não referindo-se à religião (CENTRINY, 2015).

21. Esta fala pode ser uma das possíveis explicações de terecozeiros que defendem que o Velho Légua Boji Buá não desce mais em terra.

22. Aqui dá a entender que seu Légua esteve acompanhava filhos maranhenses no período da construção de Brasília.

onde faz candomblé, onde faz umbanda, mas os Léguas chegam depois, quando a festa está esfriando, dona Tereza Légua, seu Zé Raimundo, chegam e animam a festa. A família do Codó tem essa força, essa energia. O tambor fica mais veloz, agitado e menino que não aguenta o couro vai no pote tomar água. Não existe isso que um Légua não pode ir em festa da esquerda. Légua que é Légua tem uma banda branca, outra preta, uma de Deus, outra do Diabo. Seis meses passa virado, nos outros seis é caboclo. Quem trabalha com os Léguas aprende cura nos sonhos, não precisa pai ou mãe para ensinar, aprende da fonte. Se precisa vencer demanda forte, pode pedir pros catiços abrir caminho, mas para tirar pedra do meio do caminho e derrubar barreira, isso é com os Léguas. A família de Légua gosta de brincar todo tipo de brincadeira, principalmente brincadeira de bumba boi, fugir para tomar umas no botequim, escondido, mas na hora do trabalho o ponto não pode falhar.

Apontamentos sobre o terecô de Roraima por um terecozeiro codoense

Conhecendo o terecô codoense em suas transformações nas últimas três décadas e a expansão do seu ritual para outras partes do Norte e Nordeste do Brasil, pode-se indagar sobre a existência de um terecô roraimense como uma vertente do terecô codoense, a exemplo do terecô encontrado no Pará, Piauí e mais recentemente no Tocantins (VENÂNCIO, 2019). Nem sempre o terecô chega junto com a família de Légua, os encantados às vezes chegam antes, sendo confundidos geralmente com boiadeiros nos terreiros de umbanda. Seu Totó da Tenda Santa Bárbara, como já mencionado, é considerado o iniciador do terecô em Roraima. Atualmente a casa faz uma única festa no dia 4 de dezembro para Santa Bárbara. Além da casa de seu Totó, existem pelo menos três casas que professam o terecô.²³

O ritual do terecô em Roraima se difere do terecô de Codó em muitos aspectos, mantendo a prevalência de encantados ligados à família de Légua. Uma primeira constatação é o cântico de início das festas bastante usado em Codó, o lovariê.²⁴ ainda não registrado em Roraima.

Outras diferenças são percebidas na duração das festas. Enquanto em Codó as festas de terecô podem durar de três a sete dias, as festas em Roraima se restringem a um único dia, geralmente iniciado pela manhã e finalizado no começo da noite. Em Codó, o tambor costuma iniciar um pouco depois da meia-noite, chegando até o amanhecer, ou como os terecozeiros dizem, até o alvorecer.

As afirmações feitas na seção anterior, sobre a presença da família de Légua em diversas partes do Brasil, trazem à tona um aspecto particular dessa família de encantados: o caráter farrista. Os Léguas são bastante

23. Dessas três, apenas o terreiro de São Jorge comandado por dona Fátima teve participação em Oliveira *et al* (2020).

24. O lovariê é o cântico de abertura do terecô dito tradicional (CENTRINY, 2015), registrado ainda na década de 1940 por Costa Eduardo no Santo Antonio dos Pretos. Para uma transcrição do cântico, conferir Ferretti (2001).

conhecidos como farristas, ou seja, chegam nas festividades para brincar tambor, inclusive gostando da brincadeira de bumba boi. Dona Tereza Légua, seu Zé Raimundo, seu Manezim ou seu Bernardino Légua chegam em diferentes momentos de um ritual e animam o ambiente, seja com a descontração de seus comportamentos típicos ou com a atenção redobrada para evitar qualquer tipo de confusão entre os encantados e público. Os encantados da família de Légua são conhecidos por serem afeitos a encrencas e discussão. Talvez esse aspecto farrista contribua com a grande aceitação e receptibilidade dessa família de encantados em vários terreiros, sejam de umbanda ou candomblé. Mesmo no tambor de mina da forma como é praticado em São Paulo, dentre as famílias de encantaria cultuadas, a família de Légua é sempre lembrada com carinho e respeito.

Mencionar a presença da família de Légua no tambor de mina de São Paulo nos direciona a um paralelismo entre os encantados do terecô dito tradicional de Codó com os recebidos em Roraima, remetendo à distinção feita entre caboclo e encantado, nas palavras de Francelino de Shapanan (2004):

Embora se fale indistintamente de encantado e caboclo, há diferenças bem marcantes em suas maneiras e posturas, já que o encantado não seria o mesmo caboclo da umbanda e do terreiro de candomblé. O encantado tem uma postura muito própria. Na mina, ele é perfeitamente individualizado, tem sua família, tem seu mito próprio, ele tem uma descendência, ele tem história, enquanto na umbanda e no candomblé ele perdeu sua memória ancestral. (SHAPANAN, 2004, p. 321).

É possível observar na vertente do terecô de Roraima essa permanência da individualidade de cada encantado, seus fundamentos, etc., no entanto, a circulação de encantados em diferentes matrizes africanas e afro-brasileiras seguem o mesmo processo de “perda da memória ancestral” descrito por pai Francelino de Shapanan em São Paulo há quase duas décadas atrás. Os Léguas não raramente aparecem em obrigações para exus e pombagiras, enfatizando o seu lado de Deus e do diabo, conforme bem colocado pelo ogã e pelo encantado coautores deste artigo. Essa dinâmica de circulação de fieis, de caboclos e encantados em diferentes nações e vertentes afro-religiosas em Boa Vista pode ter uma certa razão de ser pela rede de contatos relativamente pequena e coesa de pais e mães de santos, ou seja, o número ainda pequeno de terreiros, apesar do leque variado de vertentes afro-brasileiras no estado.²⁵ Ou seja, enquanto se contam em dezenas o número de terreiros de candomblés e umbanda em Boa Vista, as vertentes menos representativas como terecô e jurema não chegam a uma dezena. No entanto, essa disparidade quantitativa contrasta com uma maior coesão entre seus sa-

25. Conferir o levantamento feito por Jefferson Dias de Araújo (2021), disponível no Iphan-Roraima.

cerdotes, fieis, praticantes, clientes e simpatizantes, quando se observam a frequência com que pais e mães de santo visitam e participam das festas e obrigações de amigos e familiares da religião.

Tomando estes apontamentos sobre o terecô em Roraima, descortinam-se algumas frentes de pesquisa necessárias para que se conheça melhor o campo afro-religioso no estado. Inicialmente, a catalogação do número de terreiros, como já tem sido realizada (OLIVEIRA, et al, 2020; ARAÚJO, J. D., 2021). Nesse ponto é comum que se prestigiem os terreiros considerados fundadores de determinada nação ou mais antigos, a exemplo do trabalho Jefferson Dias de Araújo (2021), no entanto, em uma capital com menos de meio século como Boa Vista, a história dos terreiros mais antigos chega a se confundir com a própria história da cidade.²⁶ A história da formação do campo afro-religioso em Roraima, portanto, está totalmente imbricada na história do estado como ente federativo. Um ponto que tem sido recorrente é o da luta dos movimentos sociais, nomeadamente contra a intolerância religiosa ou racismo religioso. As figuras de liderança dos diversos terreiros são ainda tímidas e por enquanto não se tem notícia de nomes com capital político para representar a categoria no executivo municipal ou estadual.

Particularmente, em relação ao terecô de Roraima, observa-se uma baixa continuidade ou abertura de novos terreiros. Os terreiros que se denominam como de terecô são liderados em sua maioria por zeladores e zeladoras bem idosos. E, considerando os últimos cinco anos durante os quais tem-se notícias de abertura ou início de processo de abertura de novos terreiros de umbanda e candomblé, os terreiros de terecô mais antigos vivem a indefinição da sucessão com a possível passagem de suas atuais lideranças. A questão que fica é se o terecô veio para ficar e dar frutos em Roraima ou será lembrado apenas como uma vertente religiosa afro-brasileira que participou na formação da história religiosa roraimense. Nesse ponto, o terecô de Roraima merece uma etnografia sobre pessoas e encantados nos moldes realizados por Ahlert (2021) ou da etnopoiesia por Fichte (1986).

Considerações finais

As vozes que deram material para este texto, intermediadas pela escrita de um terecozeiro, pesquisador de religiões afro-brasileiras, convergem para a constatação de que a história do campo religioso afro-brasileiro em um estado como Roraima é uma tarefa necessária e que tem a possibilidade de ser contada, discutida e averiguada pelos seus próprios atores. A proposta deste dossiê de dar a voz aos próprios praticantes das religiões para figurar como autores de seus relatos, ensejando uma perspectiva decolonialista

26. Conferir documentário produzido por Jefferson Dias de Araújo.

afrodiaspórica (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGUÉL, 2018), contribui para uma busca de legitimidade em que não mais apenas pesquisadores se iniciem na religião e passem a falar por elas, mas também a de que mães, pais e filhos de santo se tornem pesquisadores legítimos de seus universos religiosos.

Este texto, além da autoria de um membro de terreiro, um ogã do candomblé queto, traz ainda a autoria de um encantado e um terecozeiro-pesquisador. O roteiro de entrevista foi pensado para o relato da história da criação dos terreiros de Roraima, no entanto, a fala do ogã acabou se direcionando para um panorama das religiões afro-brasileiras em Roraima, e essa primeira fala foi a que direcionou o restante do texto ao enfatizar as dinâmicas de circulação de entidades espirituais, caboclas ou encantados, nas diferentes vertentes afro-religiosas presentes em Boa Vista. Veio bem a calhar o aceite de registro da fala de um encantado que ao ser indagado sobre os mesmos tópicos feitos ao ogã, deu seu posicionamento como entidade, não com o intuito doutrinário, de fundamento, para quem já é iniciado ou da religião, mas explicativo para quem não é da religião. Por fim, completando o trio de vozes, a última seção juntamente com a apresentação foram produzidas por um terecozeiro que se tornou pesquisador atualmente em uma universidade brasileira, o que ensejou o foco sobre o terecô especificamente como forma de pontuar encaminhamentos ou frentes de pesquisa que possam ser desenvolvidas de modo a abranger igualmente e com respeito as mais diversas vertentes religiosas boa-vistenses, até mesmo as menos prestigiadas, de modo a se buscar um mosaico mais fiel da afro-religiosidade de Boa Vista e de Roraima.

Referências

AHLERT, Martina. **Encantoria**: uma etnografia de pessoas e encantados. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

ARAÚJO, Jefferson Dias de. **A valorização de terreiros de matriz africana**: um debate jurídico acerca dos instrumentos de proteção no Brasil. Dissertação (Preservação do Patrimônio Cultural), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2021.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Transe de possessão e línguas em interações rituais: Goffman e a Ciência Cognitiva da Religião. **Veredas**. v. 25, n. 1, p. 327-341, 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018.

CENTRINY, Cícero. **O terecô de Codó**: uma religião a ser descoberta. São Luís: Zona V Fotografias Ltda., 2015.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de Barba Soeira**; Codó, capital da magia negra? São Paulo: Scipione, 2001.

FICHTE, Hubert. **Etnopoesia**: antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NASCIMENTO, Poliana de Sousa. Mestre Bruno e o surgimento de uma comunidade mística no interior do Maranhão. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, n. 59, dezembro de 2015.

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. São Paulo: Pallas, 2004.

OLIVEIRA, Monalisa Pavonne *et al* (orgs.). **Fé e resistência**: religiões de matrizes africana e afro-brasileiras em Boa Vista-RR. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. **A religião dos encantados**: os encantados como mediadores culturais no Norte do Tocantins. Tese (Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

Resultado da interlocução entre um ogã do candomblé de nação Ketu, uma entidade espiritual recebida em transe mediúnico por um fiel da umbanda e um pesquisador praticante do terecô, este texto se debruça sobre as diferentes religiões afro-brasileiras presentes em Boa Vista, capital de Roraima. Apresenta-se um panorama das diferentes vertentes religiosas afro-brasileiras em Boa Vista, focalizando a circulação de entidades espirituais em alguns rituais. Como um caso específico, os encantados da família de Légua são apresentados pelo próprio encantado como exemplo da dinâmica observada na consolidação do campo religioso afro-brasileiro roraimense. Por fim, algumas frentes de pesquisa são nomeadas tendo o terecô como ponto de partida.

RESUMO

Religiões afro-brasileiras, Roraima, terecô.

PALAVRAS-CHAVE

As a result of the dialogue between an ogã of candomblé from the Ketu nation, a spiritual entity received in a mediumistic trance by an umbanda believer and a terecô practitioner who also is a researcher, this text focuses on the different Afro-Brazilian religions present in Boa Vista, capital of Roraima. An overview of the different Afro-Brazilian religious trends in Boa Vista is presented, focusing on the circulation of spiritual entities in some rituals. As a specific case, the enchanted ones of the Légua family are presented by the enchanted one himself as an example of the dynamics observed in the consolidation of the Afro-Brazilian religious field in Roraima. Finally, some research fronts are named with terecô as a starting point.

ABSTRACT

Afro-Brazilian religions, Roraima, terecô.

KEYWORDS

40

SEBASTIÃO GOMES DA COSTA JÚNIOR

Ogã do Ilê Asè D'Ya Kavullekin

LÉGUA BUJI BUÁ DA TRINDADE

Encantado chefe do terecô do Codó

PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9965-3444>

E-mail: paulo.pilar@ufr.br

RECEBIDO: 25.04.2023

ACEITO: 20.05.2023